

UNIVERSIDADE DE COIMBRA – FACULDADE DE ECONOMIA
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS
DOUTORAMENTO: Pós-colonialismos e Cidadania Global
SEMINÁRIO: Globalizações Alternativas e a Reinvenção da Emancipação Social
PROFESSOR: Boaventura de Sousa Santos
DOUTORANDA: Júlia Figueredo Benzaquen

UNIVERSIDADE POPULAR DOS MOVIMENTOS SOCIAIS
REINVENÇÃO DA EMANCIPAÇÃO A PARTIR DE UMA PROPOSTA LOCAL

Introdução

Tentando ser coerente com as teorias pós-coloniais, sinto a necessidade de me posicionar nessas primeiras linhas. A idéia de posicionalidade¹ se refere à explicitação do ponto de partida. A motivação para escrita desse trabalho remonta a janeiro de 2005, quando então era estudante do mestrado em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no Brasil. Na época, tomei conhecimento da “Escola de Formação de Educadores (as) Sociais no Recife”. O projeto foi apresentado na UFPE no sentido de buscar um formador de Sociologia. Por ter tido interesse no projeto fui conhecê-lo e depois de alguns meses, passei a ser formadora de Sociologia. Engajei-me tanto com a idéia que, para além de formadora, exerci outras atividades na Escola² e até hoje, mesmo com os limites que a distância geográfica impõe, acompanho as atividades da Escola.

A Escola é uma experiência ‘em curso’ na cidade do Recife cujo objetivo é intervir na realidade local. Tal experiência é resultado de um projeto de parceria entre italianos (IPSIA³, uma organização não governamental) e brasileiros (Associação dos Trapeiros de Emaús Recife). O objetivo do projeto é realizar uma Escola permanente de Educadores (as) Sociais, fundamentada na obra de Paulo Freire, que qualifique educadores comprometidos com as lutas populares e os princípios da Economia Solidária. O projeto da Escola foi co-financiado pelo Ministério das Relações Exteriores da Itália e teve a duração de 3 anos. No final de 2007 o financiamento do Ministério acabou e a Escola se mantém, a partir de então, com as parcerias locais e com a contribuição de IPSIA. A idéia é que através da rede de economia popular e solidária e dos movimentos sociais que façam parte da Escola, que ela seja auto-sustentada e auto-gerida.

¹ Para mais sobre este conceito ver Bhabha (1994) e Spivak (1993).

² Sempre que grafada com letra maiúscula Escola nesse texto refere-se à Escola de Formação de Educadores/as Sociais no Recife.

³ A sigla significa *Istituto Pace Sviluppo Innovazione ACLI*, ou seja “Instituto Paz Desenvolvimento Inovação ACLI” onde ACLI significa *Associazioni Cristiane Lavoratori Italiani* - Associações Cristãs de Trabalhadores Italianos.

Fazendo parte dessa iniciativa constatei a importância da existência de um estudo sobre as formas de conjugação de saberes, mais especificamente de saberes contra-hegemônicos dos movimentos sociais. Assim, pensei em fazer uma pesquisa a respeito da metodologia da “tradução de saberes”, ou seja, a criação de inteligibilidade, coerência e articulação de saberes tão múltiplos e diversos.

Já conhecia alguns textos do Professor Boaventura de Sousa Santos e em uma de minhas leituras desse autor, vi que ele propôs no Fórum Social Mundial de 2003, a criação de uma “Universidade Popular dos Movimentos Sociais” (UPMS), como um espaço onde esses saberes seriam trocados e produzidos. Assim, surgiu e se consolidou o projeto de doutoramento, no sentido de aprofundar esta proposta e na perspectiva de contribuir com os seus pressupostos metodológicos e analisar os primeiros momentos de implementação de tal idéia. É preciso ressaltar que este é um trabalho de conclusão de seminário e não o projeto de doutoramento.

É nesse sentido que pretendo estudar no doutoramento a proposta da UPMS, que tem como fundamento a troca de saberes. A minha preocupação central é os processos de formação e articulação entre os movimentos sociais, que só são possíveis através de mecanismos de tradução. Desde setembro de 2007 estou fazendo o doutoramento na Universidade de Coimbra no programa de “Pós-colonialismos e cidadania global”. O Pós-colonialismo é um campo de reflexão que procura escutar aqueles que foram oprimidos. Na verdade, o Pós-colonialismo se caracteriza pela tentativa de valorização de narrativas outras, que não a narrativa totalizadora eurocêntrica e nesse sentido o estudo propositivo da UPMS, um espaço de formação e articulação de saberes contra-hegemônicos, faz todo o sentido.

A desconstrução e reconstrução de maneiras de ver e de interpretar a sociedade está sendo uma constante em todos os seminários do Programa de doutoramento. Nos trabalhos finais dos seminários procurei orientar esse novo olhar para conceitos e realidades que ajudem na compreensão e implementação da UPMS. Assim no seminário “Espaços políticos, representação e descentralização no estado pós-colonial”, escrevi sobre como se *re-apresenta* idéias contra-hegemônicas, como a contra-hegemonia é entendida; e como os sujeitos contra-hegemônicos são representados, qual a legitimidade de se *falar por* eles. Dessa maneira, a UPMS pretende ser um espaço de novas *re-apresentações* do mundo (outros saberes) e para que ela seja possível é preciso pensar como acontecerão os processos representativos, visto que haverá momentos deliberativos como a decisão sobre o que pesquisar, por exemplo. Nas decisões serão necessários representantes, pois não há como todos os participantes dos movimentos sociais estarem em todas as instâncias da UPMS.

No seminário “Estudos pós-coloniais no espaço de Língua Portuguesa”, proponho dois conceitos: “vozes-saberes” e “musseque do mundo” a partir da interpretação sociológica de um texto literário. As vozes-saberes permite fazer uma discussão sobre os outros saberes que não os acadêmicos. Os musseques são os bairros empobrecidos de Luanda. O conceito de “musseque do mundo” tenta extrapolar a realidade da periferia luandense para uma situação de periferia do mundo. A UPMS pretende ser um espaço de valorização e de encontro das diversas vozes-saberes do musseque do mundo.

Já no seminário “Pós-colonialismos, identidades e cidadania global”, o meu trabalho teve como título: “Colocando as mãos na massa: a construção de uníssonos a partir da polifonia”. O trabalho pretendeu ser uma narração interpretativa do dia em que foi proposta para um grupo da Escola a confecção de um pão, no sentido de discutir o fazer junto. A conjuntura que justifica as motivações iniciais para escrita desse texto é a de um contexto polifônico, beirando à cacofonia, em três níveis: o mundo polifônico, os saberes polifônicos e os indivíduos polifônicos. Em resposta a esse contexto surgem propostas de buscas por uníssonos, convergências. Apresento em linhas gerais quatro dessas propostas. Começo com a teoria da ação comunicativa de Habermas e depois sigo para uma crítica a essa teoria a partir da Filosofia da Libertação e da educação libertadora de Paulo Freire. Por fim, discuto as teorias Pós-coloniais sobre tradução, e a partir dessa idéia desenvolvo um novo conceito: o uníssonos de fronteira. O uníssonos de fronteira é uma idéia que ajuda a entender como é possível os tão diversos movimentos sociais “colocarem a mão na massa” na construção e consolidação da UPMS.

O trabalho do seminário “Conhecimentos, sustentabilidade e justiça cognitiva”, apresenta e discute diferentes formas que a ciência crítica conceitua os “outros saberes”. O caso que ilustra as discussões teóricas do trabalho foi uma discussão na Escola sobre ética a partir da capoeira. Re-visito as principais idéias das perspectivas pós-moderna, pós-colonial e descolonial, que pretendem ser correntes da ciência crítica. Em seguida discuto as vantagens e desvantagens dos termos: tradicional, indígena, local e popular como possível nomenclatura para esses “outros saberes”. Para a proposta da UPMS é importante re-conceituar e valorizar o termo “saberes populares”.

No trabalho do seminário “Movimentos Sociais Transnacionais, Risco e Espaço Público” apresento o contexto de globalização em que surge e se desenvolve o Fórum Social Mundial (FSM). Ao discutir o FSM como rede, uma metáfora muito utilizada pelos sociólogos para explicar as articulações entre os movimentos sociais, proponho, através de Mc Donald (2006), a metáfora do FSM e de outros espaços de articulação como “música”. Exploro então os potenciais da Internet como instrumento e como “nova esfera pública” de articulação global entre sujeitos contra-hegemônicos. Falo do FSM na Internet analisando a sua página eletrônica. Por fim, analiso as mudanças temáticas do FSM e

chego a conclusão que houve um processo de transformação e ampliação do FSM. Esse estudo me ajuda a pensar a UPMS, na medida em que a proposta da UPMS surge no FSM e está muito conectada com os mesmos participantes e proponentes do FSM. Além disso, ao estudar a Internet como instrumento de comunicação, trago ferramentas para fortalecer as articulações globais futuras que poderão surgir a partir da UPMS e do seu site⁴, que está em processo de construção.

Explicitar os meus outros trabalhos, no começo deste, faz todo o sentido, pois aqui pretendo avançar, mas esse avanço só é possível a partir daquilo que já escrevi. Nesse artigo, que se insere no seminário “Globalizações Alternativas e a Reinvenção da Emancipação Social” pretendo definir a proposta da UPMS e a partir do lido, nos textos que encontrei, e da minha vivência na Escola e junto aos movimentos sociais em Recife, fazer uma proposta local de implementação de seções da UPMS em Recife e até ser mais ousada ao propor Recife como uma das sedes da UPMS. Dessa maneira este trabalho irá me ajudar especialmente na construção do meu projeto de doutoramento, mas, com já foi dito, o trabalho não é o projeto de doutorado.

Dessa maneira, apresento em linhas gerais como surgiu a idéia da UPMS e os desdobramentos dessa idéia. Acredito que, a partir dos outros textos que escrevi, tenho algumas pistas para responder a perguntas como: qual metodologia a ser adotada na UPMS e qual o conteúdo a ser trabalhado e produzido na UPMS, no entanto sinto necessidade de retomar e direcionar algumas dessas discussões. A seguir pretendo responder quem são os protagonistas da UPMS ao buscar um conceito ampliado de Movimentos Sociais. Pretendo ainda sugerir atividades que poderiam ser desenvolvidas numa UPMS em Recife, a partir da caracterização de alguns movimentos dessa região.

Aqui é importante ressaltar que penso que a reinvenção da emancipação tem uma componente global, mas uma outra local. A UPMS se distingue de outras iniciativas parecidas por ter uma forte componente global.

O objetivo geral da UPMS é contribuir para o conhecimento da globalização alternativa seja tão global quanto ela e que, nesse processo, as ações transformadoras sejam mais esclarecidas e eficazes e os seus protagonistas, mais competentes e reflexivos. Para atingir este objetivo a UPMS terá de ser mais internacional e mais intercultural do que as iniciativas existentes que com ela têm alguma semelhança.

(Santos, 2003: 4)

No entanto, o global é formado localmente. É nesse sentido que Santos (2001) sugere a idéia de cosmopolitismo como uma das formas de uma globalização de resistência ou contra-hegemônica. O cosmopolitismo é a articulação transnacional de diversos grupos de resistência com base em diferentes locais. São muitas as possibilidades de interação transnacionais devido principalmente às tecnologias de

⁴ Site da UPMS: www.universidadepopular.org/pages/pt/inicio.php

comunicação e informação. É partindo do local que conheço, Recife – minha cidade natal, que faço propostas para a UPMS, mas para que a emancipação se concretize nesse local, é fundamental a articulação com outros locais (assim a idéia da UPMS rede, que será adiante discutida é imprescindível). E na verdade, aquilo que é local, nacional ou global não o é isoladamente, no mundo contemporâneo essas escalas possuem cada vez mais interseções⁵.

A Universidade Popular dos Movimentos Sociais

Ao discutir a idéia da UPMS a primeira questão a ser levantada é porque um novo espaço de conjugação de saberes precisa se chamar Universidade. Nos Estados-nações modernos, a universidade concebe-se a si mesma como uma instituição republicana e, portanto, pública e laica. Dessa maneira, quem tem o poder e a legitimidade de ensinar não é mais uma instituição religiosa (como era com as primeiras universidades européias), mas sim a própria instituição universitária (autonomia universitária), que é reconhecida pelo Estado. Se a UPMS não é certificada pelo Estado, quais os mecanismos de legitimação desse espaço? É preciso que os movimentos sociais sintam uma necessidade visceral da UPMS e que ela sirva para fortalecer as lutas desses movimentos, dessa maneira ela não precisará ser uma universidade legitimada pelo Estado, mas sim legitimada por seus próprios protagonistas (os movimentos sociais).

No entanto, as pessoas que fazem parte dos movimentos sociais também têm o direito de ter acesso à Universidade legitimada pelo Estado. Não há como condenar o desejo e a necessidade de um diploma ou um certificado, que poderá trazer possibilidades de melhor trabalho e até mesmo maior eficácia nas lutas travadas pelos movimentos. “Não há necessidade de que todos os dirigentes e-ou militantes dos movimentos sociais populares se transformem em pesquisadores ou intelectuais profissionais. Mas, também, não se pode pensar em lhes vedar essa possibilidade” (Souza, 2007: 51). Assim a proposta da UPMS não substitui a necessidade de ocupação e radical transformação da instituição universitária, a partir das necessidades dos movimentos sociais. São dois processos que devem andar de mãos dadas.

Como já foi dito o meu interesse de pesquisa são os processos de formação e articulação entre os movimentos sociais, mas não posso deixar de mencionar algumas tarefas a serem seguidas para uma verdadeira transformação na Universidade. Faço isso

⁵ Ferguson (2004) ajuda ao desmistificar uma topografia do poder vertical na qual o estado se localiza em cima, depois vem a sociedade civil como instância privilegiada de mediação e depois a família. Ele mostra como tanto o “em cima” e o “em baixo” são profundamente influenciados por contextos transnacionais, o que abre possibilidades para novas pesquisas e novas práticas políticas. Ao constatar a existência de vários atores que não se enquadram nem como estado, nem como sociedade civil, nem como internacional puramente, o autor defende uma lógica horizontal.

para não ser acusada de estar defendendo um espaço outro (a UPMS) e deixando a instituição Universidade perpetuar um caminho de elitização do conhecimento. Acredito e defendo a Universidade pública, gratuita e de qualidade.

É importante dizer que depois de uma rápida pesquisa na Internet encontrei diversas concepções de Universidade que não se enquadram na perspectiva de Universidade ocidental. Achei Universidades Indígenas⁶, Universidades Populares⁷, Universidades Pós-Coloniais⁸ e vi como existem tantas outras concepções de Universidades⁹ que não a eurocêntrica. No entanto, por agora me centrarei na instituição universitária ocidental.

A Universidade ocidental tem o papel de avançar nas fronteiras do conhecimento, provendo à sociedade uma inteligência própria que possibilite uma capacidade de decisão independente. “[...] a perenidade da instituição universitária, sobretudo no mundo ocidental, está associada à rigidez funcional e organizacional, à relativa impermeabilidade às pressões externas, enfim à aversão à mudança” (Santos, 2005: 187). Dessa forma, a Universidade aparece como uma instituição impopular. Portanto, seria um paradoxo propor uma Universidade Popular dos Movimentos Sociais. No entanto a concepção elitista do termo Universidade é próprio a uma corrente conservadora, que vê como negativa a transformação radical dessa instituição no sentido de melhor servir a sociedade.

A Universidade aparece com uma “neutralidade” científica e acadêmica, porém ela sempre cumpre um papel político na manutenção ou na transformação do projeto global de sociedade. A Universidade brasileira, por exemplo, surge com uma ligação orgânica com a sociedade em que vive, surgiu para responder os problemas da sociedade e essa ligação faz parte da razão de ser da Universidade. É importante a Universidade estar inserida na sua realidade local e regional (Panizzi, 1999).

Um projeto de Universidade que se apresente como instrumento que faz avançar a construção de uma sociedade democrática se orienta por um critério de associação entre ensino, pesquisa e extensão. Esses três pilares resultam na plena inserção da

⁶ La Universidad Intercultural de las Nacionalidades y Pueblos Indígenas "Amawtay Wasi" (www.amawtaywasi.edu.ec/index.htm) no Equador; La Universidad Autónoma, Indígena y Intercultural – UAI (www.cric-colombia.org/universidad-autonoma-indigena-intercultural-uai.htm) na Colombia.

⁷ Escola do MST Florestan Fernandes (<http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=493>); Universidade Camponesa em Campina Grande (<http://www.ufcg.edu.br/~unicampo/index.html>); tem também a UniPop (Universidade Popular) pelo menos em Recife e em Belém.

⁸ Universidade Pós-colonial no Canadá (<http://www.usask.ca/education/postcolonial/description.htm>).

⁹ Só para citar alguns exemplos de antigas Universidades fora do mundo Ocidental: a Universidade de Al Azhar no Cairo (<http://www.azhar.edu.eg/>), Universidade de Quaraouiyne em Fes (<http://www.enssup.gov.ma/etablisements/univquarFes.htm>) e Universidade de Mustansiriyah em Bagdad (<http://www.uomustansiriyah.edu.iq/>).

Universidade no meio social, o que significa identificação com os anseios e necessidades econômicos e sociais.

Nesse sentido, nas Universidades brasileiras estão acontecendo interessantes diálogos entre Universidades e os movimentos sociais. Um exemplo disso é curso “Pedagogia da Terra” que é formulado e executado em parceria com Universidades Públicas e o Movimento Rural dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Para além de iniciativas como essa, que envolvem pesquisa, ensino e extensão, Santos (2004) sugere a adoção da ecologia dos saberes pelas Universidades como forma da sociedade legitimar essa instituição.

As Universidades ocidentais nos países coloniais foram grandes agentes de epistemicídios. O epistemicídio é o conceito com que Santos *apud* Santos, Meneses e Nunes (2004: 20) designa a morte de um conhecimento local perpetrada por uma ciência alienígena. Dessa maneira, ao adotar a ecologia dos saberes a Universidade estaria tendo um caráter não elitista e contrário ao seu histórico de epistemicídio. A ecologia dos saberes é uma discussão pragmática entre critérios alternativos de validade que não desqualifique a partida tudo o que não cabe no cânon epistemológico da ciência moderna. A ecologia dos saberes envolve não só questões epistemológicas, mas também econômicas, sociais e políticas.

A ecologia de saberes é um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônicas e pretendem contribuir para as credibilizar e fortalecer. Assentam em dois pressupostos: 1) não há epistemologias neutras e as que clama sê-lo são as menos neutras. 2) a reflexão epistemológica deve incidir não nos conhecimentos em abstrato, mas nas práticas de conhecimento e seus impactos noutras práticas sociais. Quando falo de ecologia de saberes, entendo-a como ecologia de práticas de saberes.

(Santos, 2006: 154).

Para além dessas mudanças epistemológicas e metodológicas é preciso que a educação seja considerada um direito e um bem publico. Com as reformas educacionais no Brasil, a educação passou a ser considerada um serviço que pode ser privatizada, a evidência mais forte disso é a proliferações de instituições privadas do ensino superior. Para que a instituição universitária seja capaz de fazer uma ecologia dos saberes e servir a sociedade é preciso “que o Estado não tome a educação pelo prisma do gasto público e sim como investimento social e político, o que só é possível se a educação for considerada um direito e não um privilégio, nem um serviço” (Chauí, 2003: 11).

Tanto Chauí (2003) como Santos (2004) fazem uma lista de atividades e prioridades a serem assumidas pela Universidade para “uma reforma democrática e emancipatória” desta instituição. Não nos cabe aqui continuar com essa discussão. A UPMS se pauta em algumas dessas idéias, porém é uma proposta que transcende o espaço da instituição universitária. A proposta surge pela necessidade de “aumentar o

conhecimento recíproco entre os movimentos e organizações e tornar possível coligações entre eles e ações coletivas” (Santos, 2006: 168).

Pensa-se em um outro espaço que não a instituição universitária para desenvolver essa tarefa, até mesmo como forma de facilitar os processos de ocupação da instituição universitária pelos movimentos sociais organizados na e pela UPMS e com a ajuda dos intelectuais que façam parte da Universidade e da UPMS simultaneamente. A Universidade ainda é um espaço convencional de produção de saber, que normalmente serve ao poder hegemônico. Por isso urge fomentar um espaço que possibilite novos processos de produção de saberes contextualizados, situados e úteis, ao serviço de práticas transformadoras. A proposta é que a UPMS não faça apenas discussões sociais e políticas, mas sim que considere toda a construção de conhecimento como social e política. Dessa maneira, há espaço para discussões próprias da física e da matemática na UPMS, desde que os movimentos se interessem e se beneficiem desses debates.

A proposta da UPMS foi lançada no Fórum Social Mundial de 2003 e desde então algumas instituições estão se engajando na proposta. “No FSM de 2005, um grupo de cerca de 60 organizações e movimentos puseram em marcha a criação da UPMS e constituíram um secretariado técnico para coordenar as ações a tomar nesse sentido” (Santos, 2006: 175). Em setembro de 2005 aconteceu uma reunião internacional em Roma para melhor discutir a UPMS e planejar o começo de sua execução. Até o presente, as instituições que estão discutindo a UPMS mais diretamente são: Euralat, Observatório Euro-Latino-Americano de Democracia e Desenvolvimento Social, Instituto Brasileiro de Análises Econômicas e Sociais, International Council for Adult Education, Instituto Paulo Freire e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Santos, 2006).

A atual pluralidade de formas de resistência e de concepções de emancipação social exige um espaço onde essa multiplicidade de formas de apreensão do real se encontre e dialogue para a formação de uma forte contra-hegemonia global. Essa contra-hegemonia não pode ser uma teoria totalizadora e totalizante, mas sim ser construída por processos constantes e contextuais de tradução. Essa é a motivação da qual surge a UPMS. A UPMS pretende responder a dois problemas: “a escassez de conhecimento recíproco entre movimentos e organizações que atuam dentro da mesma área temática mas que operam em diferentes partes do mundo [...] O outro problema é a falta de um saber partilhado entre movimentos ou organizações com intervenção em diferentes áreas temáticas” (Santos, 2007:170). A proposta metodológica para que as oficinas da UPMS tenham dois momentos (um temático e outro inter-temático) é para que no primeiro momento os diversos movimentos feministas, por exemplo, dialoguem entre si (solucionar

o primeiro problema) e no segundo momento diversas correntes dos movimentos (feminista, sindical, ambiental, racial, etc.) se encontrem, ou seja, ir ao encontro da solução do segundo problema.

Assim, a UPMS surge como um importante nó da rede dos movimentos sociais contra-hegemônicos a nível global. A partir dos textos que li e pela forte conexão que a UPMS estabelece com o Fórum Social Mundial (surgiu nesse espaço e são entidades que constroem o FSM que estão levando a diante a proposta), penso na UPMS como consequência dos processos desencadeados pelo FSM, mas não só consequência, como também consolidação desses processos. Para afirmar isso preciso explicar o que é o FSM.

O FSM constitui uma das mais consistentes manifestações de uma sociedade civil global contra-hegemônica e subalterna em vias de surgimento. Na sua definição mais ampla, o FSM é o conjunto de iniciativas de troca transnacional entre movimentos sociais e organizações não governamentais onde se articulam lutas sociais de âmbito local, nacional ou global, travadas (de acordo com a Carta de Princípios de Porto Alegre) contra todas as formas de opressão geradas ou agravadas pela globalização neoliberal. Na prática, o FSM é o conjunto de fóruns – mundiais, temáticos, regionais, sub-regionais, nacionais, municipais, locais – que se organizam de acordo com a Carta de Princípios.

(Santos, 2006: 415).

O FSM não se restringe aos vários encontros, vai além através das atividades e reflexões que surgem nesses espaços e também através da sua página na Internet e das interações entre diversos ativistas que só foram possíveis a partir do FSM. O espaço formativo na UPMS é primordial, mas também o é no FSM, na medida em que entendo que para haver articulação é necessário um processo formativo. Assim, a UPMS é fruto do FSM e o auxilia ao fortalecer uma globalização contra-hegemônica.

Santos (2001) está ciente da complexidade da globalização e através de dados nos mostra como as desigualdades, a nível mundial, vêm se acentuando nas últimas décadas, aumentando os periféricos ou subalternizados e fortalecendo, o que aparece como um “consenso hegemônico”. O aumento das desigualdades é fruto de uma lógica hegemônica, estabelecida em linhas gerais no Consenso de Washington. Esse consenso dita regras sociais, culturais, econômicas e políticas. Santos (2001) enumera alguns desses consensos: o estado fraco, a democracia liberal, o primado do direito e do sistema judicial. São idéias homogeneizantes frutos de uma lógica colonial, que o Pós-colonialismo visa rever.

A globalização hegemônica faz com que pensemos que estamos em um período em que desapareceram as clivagens políticas profundas e que a transformação social se reduz a questões técnicas e não mais políticas. Esta é uma falácia. Existem formas alternativas de encarar a globalização e são essas práticas que permitem pensar em emancipação social. Santos (2001) fala do cosmopolitismo e do patrimônio comum da

humanidade como formas de globalização de resistência ou contra-hegemônicas. A UPMS surge para articular os conhecimentos que fortaleçam novas formas de resistência e novas concepções de emancipação social. “O seu ponto de partida é o reconhecimento da ignorância recíproca. O seu ponto de chegada é a produção partilhada de saberes tão globais e diversos como os próprios processos de globalização” (Santos, 2006: 170).

Assim, a UPMS é bastante ambiciosa e fundamental para o futuro dos movimentos sociais, sendo necessário, no entanto, aprofundar as pesquisas a respeito no intuito de garantir a viabilidade da proposta. Dessa maneira, sinto a necessidade de trazer uma perspectiva local para UPMS, nesse trabalho. Para fortalecer a UPMS é preciso que os movimentos sociais acreditem nesse espaço e contribuam de maneira decisiva na efetivação do mesmo. É preciso uma confiança mútua entre todos os sujeitos engajados na construção da UPMS.

É importante ainda dizer que os movimentos sociais, por si, já são um *locus* educativo muito rico (Souza, 2007). E também já existem variados espaços de articulação e formação entre os movimentos sociais. A UPMS não pretende substituir as iniciativas já existentes (Santos, 2006). Penso que a novidade da UPMS está no seu caráter global, que só será possível ao incorporar essas experiências já existentes, fomentar outras iniciativas e articular tudo isso em uma grande rede.

Dessa maneira, os princípios da UPMS precisam ser suficientemente amplos para agregar as diferenças metodológicas, temáticas e de atividades de cada região, mas também suficientemente limitador para que atividades “hegemônicas” não venham a corromper a UPMS. Por estar em movimento e por se adaptar às diversas realidades locais, penso que a teoria a ser construída e a metodologia a ser adotada será variável, no entanto, na próxima seção do texto, tento trazer algumas reflexões gerais sobre os saberes e a metodologia da UPMS.

Os saberes e a metodologia

A existência de realidades alternativas a partir de experiências sociais, políticas e culturais estão sendo desperdiçadas pelo que Santos (2000) chamou de razão indolente. Essa razão indolente é que diz que o saber legítimo é o saber acadêmico e este saber, muitas vezes, serve aos poderes hegemônicos. A razão indolente levou ao epistemicídio, a qual já me referi, e a uma “epistemologia da cegueira” (Santos, 2000). A “epistemologia da cegueira” se revela em uma ordem onde o “nós” é o hegemônico e todo o resto o contra-hegemônico e existe “[...] a crença que cientificamente não há nada a ser

aprendido que venha ‘deles’ ao menos que já seja ‘nosso’ ou que venha de ‘nós’”¹⁰ (Mudimbe,1988: 15).

Na UPMS, uma forma de valorizar os diversos saberes, de realizar uma verdadeira ecologia dos saberes é adotando o que Santos (2006) chamou de uma “sociologia das ausências e das emergências”. A sociologia das ausências procura expandir o presente (valorizar as experiências disponíveis, que foram descartadas pela razão indolente) e a sociologia das emergências procura contrair o futuro (substituir o vazio do futuro por um futuro de possibilidades concretas e plurais, utópicas e realistas que se constroem no presente através das atividades de cuidado). “A sociologia das ausências não é uma sociologia convencional e dificilmente será exercida nos lugares convencionais de produção do saber científico contra-hegemônico, as universidades e os centros de pesquisa científica” (Santos, 2006: 167). É assim que a UPMS surge como *locus* privilegiado para realizar essa tarefa.

As sociologia das ausências e das emergências precisam ainda ser reforçada com a eliminação da “linha abissal” (Santos, 2007). No campo dos conhecimentos, a linha abissal é aquela que divide entre ciência e “outros saberes”, a linha torna invisível os “outros saberes”. Assim os conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas ficam do outro lado da linha. “Do outro lado da linha, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objetos ou matéria-prima para a inquirição científica” (Santos, 2007: 4). A UPMS é importante por ser parte de uma resistência epistemológica que fundamenta uma resistência política ao pensamento abissal.

Ao lutar por um pensamento pós-abissal a UPMS deve partir da constatação que a diversidade do mundo é inesgotável, é ter uma clara consciência da incompletude de todas as epistemologias e ao propiciar o diálogo entre diferentes epistemologias mais evidente se tornará a impossibilidade de uma teoria única que dê conta da diversidade do mundo. O trabalho de tradução de saberes a ser realizado pela UPMS não tem por fim a identificação de novas totalidades, ou de adotar outros sentidos gerais para a transformação social. É necessário propor novas formas de pensar essas totalidades e esses sentidos e novos processos de realizar convergências éticas e políticas. “A alternativa à teoria geral é o trabalho de tradução, que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo, tanto as disponíveis como as possíveis” (Santos, 2006: 123).

¹⁰Minha tradução.

É sobre essa necessidade de unidade que recorro ao depoimento de um sindicalista, em uma conversa a respeito da UPMS:

O esforço constante de construir a unidade não só na vanguarda do movimento, mas também na base de onde surgem estas vanguardas precisa ser condição *sine qua non*. Por que o egoísmo dos setores sociais em torno de suas demandas imediatas tem-se sobreposto demasiadamente às questões estruturais e de unidade da classe trabalhadora. E estes espaços ajudam também a arrefecer estes egoísmos, aparar arestas e dialeticamente relacionar-se com os outros nas suas lutas e através de seus testemunhos. Em suma, estes espaços deve ser por excelência o meio para a gênese de um movimento social de novo tipo ou de outro tipo.

(Henrique Monte – Coordenador de Política Sindical e Formação Política do Sindicato dos Servidores das Universidades Federais de Pernambuco SINTUFEPE / Gestão 2006/2008)

É aqui que acredito na importância de discutir o conceito de “uníssono de fronteira”, que desenvolvi em outro trabalho. A idéia de uníssono pode ser totalitária, então talvez, seja pertinente substituí-la por alguma outra metáfora que dê conta da fluidez desses momentos de aglutinação. Por agora, é importante pensar em aglutinações, alianças. Acredito que as eventuais alianças fortalecem a diversidade ao identificar pontos de encontro, ao serem fronteiras que delimitam e fortalecem a pluralidade. Só são possíveis alianças provisórias, estratégicas e fluídas. É importante ressaltar os adjetivos que emprego ao termo, afinal não busco novos essencialismos.

Um dos resultados do trabalho de tradução seria a definição de eixos de luta. Os eixos de luta conferem um caráter estratégico às diversas lutas fragmentadas - e, muitas vezes, conjunturais - dos movimentos (Mance, 1991). Para que a fomentação de eixos de luta contra-hegemônicos respeite a diversidade nos vários aspectos (econômico, político, cultural, social) é preciso a identificação e construção de zonas de contato. As zonas de contato “constituem o consenso básico que torna possível o dissenso argumentativo” (Santos, 2006: 133).

Para o processo de tradução a ser realizado na UPMS, acredito que as idéias da Filosofia da Libertação e da pedagogia de Paulo Freire são fundamentais. A ética da libertação, que parte dos teóricos da Libertação, inclui como ponto de partida o Outro, mas não simplesmente como outra pessoa-igual na comunidade argumentativa, mas ética e inevitavelmente desde o Outro em algum aspecto afetado, dominado e excluído. É sobre essa profunda consideração do Outro que Paulo Freire (2002) fundamenta o seu conceito de diálogo. Para que o diálogo aconteça é necessário que se esteja disposto a ouvir e compreender o Outro a partir da realidade dele. Porém o diálogo não implica em uma omissão das próprias idéias em favor desse Outro, mas sim o dever de se colocar sinceramente frente ao Outro.

Não se pode, no entanto, esquecer as relações de poder que estão envolvidas nos momentos de diálogo e nos processos de tradução de saberes. É preciso uma maior

reflexão, a respeito desse tema. É preciso deixar claro também, desde já, que o que procuro é a articulação de um conjunto de vozes específicas: as contra-hegemônicas. Estou atenta para a impossibilidade de encontro entre vozes incompatíveis entre si e que possuem como objetivo a exclusão da outra. Dessa maneira é impossível a aliança entre um nazista e um judeu, por exemplo. As diferenças lingüísticas também é um obstáculo a ser considerado, mas não impede a possibilidade de articulação quando está presente a figura do tradutor, que não deve se restringir à tradução lingüística.

Dessa maneira, penso que a linha geral da metodologia da UPMS deva ser: a identificação da legitimidade dos saberes (todos aqueles contra-hegemônicos são legítimos, é preciso ainda, no entanto, pensar como fazer para lidar com os diferentes níveis de poder que cada saber possui, sem que haja injustiças); a identificação e o fortalecimento das zonas de contato; e por fim a construção de eixos de luta.

Para além dessas linhas gerais o Professor Boaventura de Sousa Santos, formulou procedimentos específicos para serem adotados nas seções da UPMS. “A UPMS é composta por três atividades principais: atividades pedagógicas, atividades de pesquisa-ação para a transformação social e atividades de difusão de competências e instrumentos de tradução inter-temática, transnacional e intercultural” (Santos, 2006:171).

As atividades pedagógicas ocorreriam em oficinas com a duração de duas semanas. A primeira semana seria dedicada a oficinas temáticas, uma oficina com a presença de diferentes movimentos que tratam do mesmo tema, um grupo de movimentos e cientistas que discutam o movimento indígena e um outro grupo que discuta o tema das relações raciais, por exemplo. A segunda semana seria dedicada a uma oficina inter-temática, com a junção dos grupos temáticos, em um grande grupo. O autor flexibilizou essa proposta ao constatar que a duração das sessões dependerá do contexto dos movimentos envolvidos. Essas oficinas seriam coordenadas por pelo menos por um cientista e um ativista, além de cada uma delas ter um relator.

As atividades de pesquisa-ação são no sentido de criar e não apenas articular os saberes plurais para a transformação. O que pesquisar deve surgir das inquietações dos momentos pedagógicos ou das demandas dos participantes da UPMS. Por fim, as atividades de difusão de competências e instrumentos de tradução, organizariam os resultados dos momentos pedagógicos e das pesquisas nos “léxicos” e nos “manifestos”.

Os *Léxicos* visam dar conta da diversidade discursiva da globalização contra-hegemônica e torná-la inteligível: designações, conceitos, saberes, classificações. Os *Manifestos* visam dar conta da diversidade performativa e contextualizar o seu uso: princípios, regras e metodologias de ação; exemplos de articulações bem sucedidas entre práticas provenientes de áreas temáticas diferentes.

(Santos, 2006: 173).

Santos ainda propõe uma sede da UPMS, onde estariam o comitê coordenador, a coordenação de tradução e o comitê executivo; e a rede da UPMS gerenciada a partir da sede. Propõe também a assembléia, o secretariado técnico e o grupo de trabalho metodológico da UPMS.

Acredito serem muito interessantes todas essas propostas, mas sinto a necessidade de conversar mais detidamente com os formuladores da UPMS, para entender de onde surgem essas idéias e até que ponto elas já se concretizaram. Preciso também ter acesso ao material que foi produzido a partir de sessões realizadas e reuniões para discussão da proposta. Também penso em fazer entrevistas com os participantes dos movimentos sociais e saber o que eles pensam da proposta e como podem contribuir.

No sentido de contribuir com a proposta, penso que uma larga consulta aos ativistas e aos cientistas sociais, no sentido de sensibilizá-los e de perceber quais as suas demandas, seria de grande valia para a concretização da UPMS. Penso ainda que as atividades da UPMS não precisam seguir a formatação dada, mas que as atividades devam se adequar à realidade local onde a UPMS estivesse. Assim, penso não em uma sede, mas sim várias sedes, por ser só assim, que acredito que serão garantidos os objetivos da UPMS. Isso não significa uma estrutura desorganizada, é preciso definir quem irá alimentar a página na Internet da UPMS, por exemplo, mas isso pode ser feito nos grandes encontros da rede da UPMS. Os encontros do FSM são espaços privilegiados para os encontros da rede da UPMS.

Os protagonistas

Segundo Santos (2006) o objetivo da UPMS é “proporcionar a auto-educação dos ativistas e dirigentes dos movimentos sociais, bem como dos cientistas sociais, dos investigadores e artistas empenhados na transformação social progressista” (Santos, 2006: 168). Assim os protagonistas da UPMS são os movimentos sociais e os “intelectuais irados”. A idéia de “intelectual irado” é de Darcy Ribeiro e é reproduzida por Joel Rufino dos Santos (2004). Ele diz que os “intelectuais contentes” são aqueles que estão satisfeitos e que contribuem para a manutenção do *status quo*; já os “intelectuais irados”, ao contrário dos “contentes”, estão dispostos a contribuir com a transformação social. O intelectual para Joel Rufino não necessariamente está ou passou por uma Universidade. Penso que a UPMS ao promover essa educação bidirecional (movimentos sociais e cientistas), pode estabelecer um diálogo frutífero com a instituição universitária, através dos cientistas que transitam entre a UPMS e as Universidades. Esse diálogo facilita a ocupação e a transformação emancipatória da Universidade, aqui já discutida.

Neste trabalho me centrarei nos movimentos sociais. Preciso então definir o que entendo por movimentos sociais. Busco aqui uma concepção alargada do termo, visto que a UPMS deseja a pluralidade de saberes e se temos um conceito muito estreito para os seus protagonistas, limitamos os potenciais da UPMS. “A decisão de classificá-los [os movimentos sociais] pode ter como único motivo a vontade de descrição, mas pode também ajudar a revelar as tendências e servir a leituras compreensivas” (Mouriaux e Beroud, 2005: 173).

Para falar sobre movimentos sociais é importante recorrer ao sociólogo Touraine, que define a Sociologia como a ciência dos movimentos sociais. É muito conhecida e discutida os três princípios que, segundo Touraine, todos movimentos sociais teriam: os princípios de identidade, oposição e totalidade. Assim para Touraine (1998) o movimento social é uma ação coletiva particular, que se opõe a uma forma de dominação social, apelando a valores que a sociedade em geral partilha contra o seu adversário para assim o privar de legitimidade. Considero interessante essa definição, no entanto o autor possui uma concepção que considero etnocêntrica, que não me permite usá-lo, visto que mais adiante falarei de uma realidade particular que se localiza no nordeste brasileiro (que para o autor estaria em uma situação de “atraso”):

Embora esperamos que o povo se revolte contra uma dominação e uma exploração intoleráveis, só a elite intelectual e política poderá interpretar o sentido da História, submeter as práticas sociais à razão e realizar o progresso. Quanto mais subdesenvolvida é a sociedade, mais as forças endógenas de modernização são fracas, mais o poder destas elites dirigentes que falam em nome de um povo dividido será ditatorial e se colocará ao serviço de interesses particulares, os de um partido, de uma classe, de uma etnia, de um chefe supremo. Assim, o movimento social estará sempre subordinado a uma ação e a uma consciência vindas do exterior.

(Touraine, 1998: 128).

A partir desta citação fica explícita uma visão preconceituosa e equivocada dos movimentos sociais nos ditos países “subdesenvolvidos”¹¹. Em um outro momento, no entanto, terei que me debruçar com mais cautela sobre as teorias de Touraine (o acionalismo dos atores coletivos) e também de outras importantes referências no tema como Melucci (que ao falar dos movimentos sociais dá ênfase à identidade coletiva) e Claus Offe (a abordagem neomarxista) entre outros. Nesse trabalho privilegiei autores que pertencem ao Sul¹² e-ou possuem uma empatia com o Sul. Também dei relevo para autores de Recife, visto que pretendo fazer, em seguida, uma proposta de realização da UPMS nessa cidade.

¹¹ Escobar (1995) faz uma interessante reflexão a respeito de como a idéia de desenvolvimento foi inventada a partir de interesses bastante específicos. A homogeneização em países subdesenvolvidos ou do Terceiro Mundo, para esse autor, é um equívoco que serve a uma lógica de exploração contínua.

¹² Falar em um mundo dividido em Norte e Sul não se limita a uma questão geográfica. A história do capitalismo é que permite pensar nesses termos, pois pela história foi o Norte global (um Norte auto-definido e auto instituído pelas cartografias construídas nesse Norte) que colonizou o Sul. O Sul é o sofrimento sistêmico causado pelo capitalismo.

Dussel (2007), através de uma reflexão filosófica, diz que é impossível uma ordem política perfeita, visto a condição finita e limitada do ser humano. Dessa maneira, nos sistemas políticos sempre existirão aqueles que sofrem os efeitos negativos dessa política imperfeita. “Quando o sofrimento se torna inaceitável, intolerável, surgem movimentos sociais de contestação no campo político empírico. Surgem igualmente teorias críticas organicamente articuladas a tais movimentos” (Dussel, 2007: 87). Assim, é a partir das negatividades de alguma dimensão da vida, que as lutas surgem. Para ele, haverá tantos movimentos quantas reivindicações diferentes existirem.

Na contemporaneidade, por ser grande a diversidade dos movimentos sociais, há dúvidas de que essa diversidade possa ser conduzida a um conceito ou a uma teoria sociológica únicos. Por isso, muitos autores falam em Novos Movimentos Sociais (NMSs). Segundo Santos (2005: 258):

A maior novidade dos NMSs é que constituem tanto uma crítica à regulação social capitalista, como uma crítica à emancipação social socialista, como foi definida pelo marxismo [...] Nestes termos, denunciar novas formas de opressão implica denunciar as teorias e os movimentos de emancipação que as omitiram, que não estiveram atentos a elas, ou que até mesmo compactuaram com elas

Os NMSs pensam em construir soluções imediatas, que mudem o cotidiano, o que reforça a idéia de uma “Sociologia das Emergências”, que deve ser adotada na UPMS. Os NMSs não buscam uma nova sociedade, que só será alcançada em um futuro tão distante, quanto improvável. Penso que o conceito de NMS merece ser analisado, no entanto, não significa que com as novas opressões, as velhas questões estejam superadas. Nos países centrais esses NMSs aparecem com preocupações de uma “classe média” que reivindica questões de gênero e ambientais por exemplo. As questões trabalhistas (representada pelos sindicatos) são vistas como velhas questões, no entanto, são bastante contemporâneas e merecem atenção. Também é preciso dizer que as reivindicações que alguns sociólogos classificam como NMSs, são muito mais antigas do que as reivindicações sindicais (“velhos movimentos”), só que não eram vistas enquanto movimentos sociais. Para um exemplo, existem as revoltas escravas no Brasil de reivindicação identitária e racial, que congregam uma multiplicidade de formas de resistências: fugas, suicídios, abortos, quilombos, entre outros (Águas, 2008). Assim busco aqui não a distinção entre velhos e novos movimentos sociais, mas sim um conceito que abarque a pluralidade dos protagonistas contra-hegemônicos que a UPMS deve ter. Dessa maneira, não acho pertinente essa distinção entre novos e velhos, o que é necessário é contextualizar os movimentos sociais e é partir desse contexto espacial e temporal é que surgem as suas reivindicações.

Passo então a contextualizar os movimentos sociais que quero falar ao propor uma sede da UPMS no Recife, Brasil. Na América Latina, a grande maioria dos

movimentos sociais, não luta por uma causa única, para alguns autores isso se caracterizaria como “impureza” do movimento. “Do meu ponto de vista, é nesta ‘impureza’ que está a verdadeira força dos movimentos sociais na América Latina, e sua extensão aos movimentos sociais dos países centrais é uma das condições da revitalização da energia emancipatória destes movimentos em geral”, (Santos, 2005: 263). Na América Latina os movimentos sociais, adquirem o adjetivo popular para diferenciar sua base social popular da característica de muitos dos movimentos nos países centrais (que tem como base uma “nova classe média”).

No Brasil a noção de movimentos populares é basicamente uma auto-definição que se origina ainda em fins do período militar (Andrade, 2004: 18). Na época da ditadura havia uma coesão maior dos movimentos sociais, por todos eles terem um “inimigo” em comum. Hoje a pluralidade de reivindicações, muitas vezes é confundida com o enfraquecimento dos movimentos sociais ou com desmobilização.

A auto-atribuição do nome “popular” é significativa e até reforça a necessidade de uma Universidade Popular dos Movimentos Sociais. “[...] mesmo os movimentos que não definem-se com este caráter [popular], demonstram preocupações com os setores populares, isto é, as pessoas com condições econômicas e sociais mais precárias, aquelas que tem menos acesso a renda e as condições materiais de sobrevivência” (Silva, 2004: 45). Assim, os movimentos sociais populares são entendidos como sujeitos coletivos que se auto-definem e são definidos através de uma identidade coletiva, que não é fixa, mas sim narrativa. “Os indivíduos constroem suas identidades individuais, mas também coletivas ou sociais ao tentar superar suas opressões, dominações, prepotências e subordinações sempre coletivamente” (Souza, 2004: 5).

No contexto brasileiro também são percebidas alterações na atuação dos movimentos sociais. Essas alterações poderiam justificar a denominação “velhos” e “novos”, mas como já foi dito, não acho frutífera tal designação.

A participação expressa nas grandes manifestações de massa e greve vividas em décadas anteriores, dá lugar a novas formas como as ocupações urbanas e rurais realizadas na década de 1990, ou as articulações em fóruns, plenárias e redes temáticas que provocam as agendas políticas a incorporar novas demandas, crescem ainda novas expressões culturais juvenis, grupos produtivos de economia popular e solidária, entre outros.

(Andrade, 2004:14).

Assim existe uma pluralidade de sujeitos em lutas por transformação em campos diferenciados da vida social. Outros padrões mobilizatórios foram aos poucos criados e-ou ocupando maior espaço. Novas formas de relação com o Estado surgiu, o que tornou as manifestações de massa menos imprescindíveis, mas ainda necessária. Isso aconteceu devido às transformações históricas:

A partir dos anos 80, e mais aceleradamente nos anos 90, os cenários nacional e internacional sofrem mudanças em seus diversos aspectos. Cresce no mundo todo a pobreza e a concentração de riquezas, especialmente nos países em desenvolvimento. No Brasil, os efeitos da inserção submissa no mercado global são visíveis: o desemprego massivo, a precarização do trabalho, a ampliação de formas de trabalho informal e cooperativo estão por toda parte. Isso tem um efeito aparentemente desmobilizador nos movimentos sociais populares e-ou tem provocado mudanças na sua estratégia de intervenção social e representação política.

(Andrade, 2004: 11).

É preciso ainda atualizar essa análise de conjuntura, com as conseqüências trazidas pela eleição do Presidente Luís Inácio Lula da Silva. Para alguns ativistas o governo Lula trouxe benefícios ao estar “mais próximo” dos movimentos sociais. No entanto, muitos movimentos sociais sentem que com um governo dito de esquerda, cresceu o número de entidades que foram corrompidas e cooptadas pelo Governo, gerando assim uma forte desmobilização e uma confusão de “contra quem” se deve lutar, já que não se poderia ir de encontro a um governo dito popular. É claro que essa minha análise é rasteira e mereceria um maior aprofundamento, mas não é essa a minha intenção no presente estudo.

Voltando a contextualização, é preciso ainda falar da realidade nordestina brasileira, onde se encontra a cidade do Recife. O Nordeste é visto como a região mais pobre do Brasil. Acredito, no entanto que essa é uma invenção do Nordeste, tal qual é a *Invenção da África*, da qual fala Mudimbe (1988) e o famoso livro de Said (2004.1978) sobre a “invenção do Oriente” – o *Orientalismo*:

Historicamente, as elites construíram um imaginário sobre o Nordeste cuja ênfase é dada à discriminação e à vitimização, difundindo a idéia de que o Nordeste por ser mais pobre e miserável do que o resto do país precisaria de recursos públicos mais vultuosos, dos quais as elites dominantes sempre se apropriaram, mas não para superar as desigualdades, o que hoje já aponta para sinais de mudança.

(Andrade, 2004: 12).

Assim, é importante desmistificar essa idéia, se não as elites nordestinas continuarão se apropriando desses “auxílios”, o que não nega o fato do Nordeste ser a região brasileira mais pobre. Nessa região, porém, existe uma efervescência e uma pluralidade de movimentos sociais. Segundo Dussel (2007) a variedade de temas tratados é fruto da variedade de opressões.

São mobilizações sociais em torno de diferentes temáticas, a exemplo de afirmações identitárias coletivas (negros, jovens, pescadores, artistas populares, mulheres, homossexuais, quebradeiras de coco, entre outras), com exemplos diversos em formas de atuação (rádios comunitárias, produção solidária, cultura local e internacional, articulação em redes, mobilizações) e através de diferentes expressões organizativas do que chamamos movimentos sociais populares (entidade de pequeno e médio porte; com vínculos de atuação local, regional ou até internacional; entidades de caráter representativo de defesa de interesses próprios dos membros e outras de caráter de vínculo solidário a uma causa).

(Silva, 2004: 41).

Nesse sentido, não há grande diferença entre os movimentos sociais nordestinos, brasileiros e mundiais. E aqui retomo as idéias de Ferguson (2004) de como as escalas locais, nacionais e globais, estão cada vez mais intercambiáveis e possuidoras de um forte fluxo transnacional que perpassa todas as esferas.

Para concluir essa seção gostaria de retomar a idéia dos movimentos sociais enquanto *lócus* educativo e espaços privilegiados de criação e articulação entre diferentes saberes. “Os movimentos sociais populares têm constituído um espaço permanente de confronto de saberes num processo em que as necessidades populares se transformam em demandas sociais (econômico-ideológicas) e se elaboram propostas para sua satisfação: projetos emergenciais e históricos” (Souza, 2007: 49). É importante também recorrer ao que diz Escobar (2003), que como parte da sua luta, os movimentos sociais produzem importantes fluxos de informação e de conhecimento que, com freqüência, equivalem a verdadeiros quadros teórico-políticos de construção de mundos. É esta vitalidade cognitiva dos movimentos sociais que inspira a UPMS e a qual a UPMS deseja contribuir.

Uma proposta

Será que é necessária uma sede centralizada para a coordenação geral da UPMS? Não poderia ser mais anárquico? O anárquico favorece a pluralidade, mas também é preciso que se tenha distribuição de responsabilidades. Penso que com várias sedes (cada sede como um nó da rede UPMS), a UPMS estará mais fortalecida. Acredito que ao invés de imobilizar a pluralidade de sedes, cada qual inclusive congregando uma diversidade de concepções de contra-hegemonia, leva à necessidade constante de reinvenção da emancipação. Cada região, cada cidade, cada bairro e comunidade pode ter uma sede da UPMS. O que não impede encontros internacionais da UPMS, onde protagonistas de países ou até de continentes diferentes se encontrem. Esses encontros internacionais exigem mais recursos, por exemplo, e assim penso onde e como a rede da UPMS garantirá esse financiamento. Por isso, acho que a proposta de começar com diversas sedes locais facilita o início de um processo. Além disso, as sedes locais permitem a adequação das atividades, das metodologias, dos espaços a ser utilizado, para a realidade específica onde será realizada.

As tarefas globais da UPMS (boicotes globais, manifestações globais e alimentação da página da Internet, por exemplo) podem ser organizadas com êxito sem a necessidade de uma sede centralizada, para tanto é necessárias uma forte comunicação e interação entre as diversas sedes, que pode ser feita através dos meios virtuais, mas tendo momentos paradigmáticos e importantes de encontros presenciais, dentre os quais

os encontros do Fórum Social Mundial, por exemplo. Assim a reinvenção da emancipação global aconteceria a partir de uma forte rede de iniciativas locais.

Tento nesse trabalho fazer uma proposta de construção de uma, das várias que acredito que deva existir, sede da UPMS. A escolha por Recife é óbvia. Venho de lá, é o meu local, é de onde posso falar, é com quem tenho interlocutores para falar com. Nasci e vivi nessa cidade e é nesse espaço que comecei o meu engajamento político e é nesse espaço que me sinto a vontade para propor uma sede da UPMS, por ser o espaço e os movimentos sociais que conheço. Em Recife, vejo quando, onde, quem e como construir uma UPMS sede que venha fortalecer a grande rede da UPMS.

Além desse meu conhecimento acumulado, tive a oportunidade de passar parte do mês de agosto e o mês de setembro do corrente ano em Recife. Nesse tempo, observei a realidade local no intuito de fazer um diagnóstico para implementação da sede da UPMS. Desenvolvi algumas atividades, que descreverei a seguir, com sujeitos que podem encabeçar a idéia. É dessa maneira que a proposta que segue parte de um estudo de campo, que possibilitou não só a reformulação da proposta apresentada na primeira versão deste trabalho, como também propiciou valiosos contatos para a futura concretização da idéia.

Antes de ir estudar em Coimbra e quando participava da Escola, tinha interações, quase diárias, com representantes de diferentes movimentos sociais locais. Também, através de minha vivência na Universidade Federal de Pernambuco (graduação, mestrado e um ano como professora substituta) conheço alguns “intelectuais irados”. No sentido de ferramentas metodológicas para me re-aproximar desses atores locais, elaborei, ainda em Coimbra, uma proposta de oficina e sugeri alguns temas de palestras a serem ministradas por mim. Cada entidade, previamente contatada, escolheu a atividade que mais se adequava ao seu perfil. O principal objetivo desse período foi a troca de informações. Dessa forma, tive a oportunidade de discutir aquilo que pensei a partir dos seminários cursados em Coimbra com acadêmicos brasileiros e principalmente com sujeitos dos movimentos sociais. Por outro lado, estes me colocaram a par das suas atuais discussões e preocupações a respeito de variados temas e mais especificamente críticas e sugestões a respeito da proposta da UPMS, assim esses momentos também contribuíram para a parte teórica do presente trabalho.

A proposta de oficina foi elaborada a partir do trabalho desenvolvido no seminário “Pós-colonialismos, identidades e cidadania global”, por achar que era a partir das idéias ali desenvolvidas que eu poderia trazer contribuições mais efetivas para os grupos dos movimentos sociais. O objetivo geral da oficina foi o de evidenciar a polifonia e através da clareza das diversas vozes que compõem o grupo potencializar a identificação de uníssonos provisórios e estratégicos, ou seja, uníssonos de fronteira, estando atenta para

as já apresentadas ressalvas a respeito desse conceito. Os resultados esperados eram: 1) O maior entrosamento e cooperação dentro do grupo trabalhado; 2) O domínio de alguns conceitos teóricos trabalhados e a curiosidade para se aprofundar neles a partir da bibliografia mínima indicada; 3) Cada indivíduo do grupo se tornar um multiplicador da oficina, podendo assim potencializar alianças em outros grupos os quais faz parte.

Os seis temas que foram sugeridos para as palestras correspondem aos artigos desenvolvidos nos seis seminários cursados em Coimbra. As palestras tiveram como principal objetivo a troca de experiências. Assim, foi reservado um espaço privilegiado para o debate no sentido de perceber a reação do público ao tema proposto.

Ao chegar a Recife, as propostas sofreram alterações de acordo com a realidade encontrada e as demandas apresentadas. Elaborei uma outra oficina para discutir o tema “educação e trabalho” com os jovens dos cursos profissionalizantes da Associação Trapeiros de Emaús, por exemplo. Outra alteração feita foi que ao invés de eu fazer uma oficina com os integrantes do Centro Paulo Freire, como tinha sido combinado, me engajei em uma atividade sobre extensão universitária no centro de Educação da UFPE juntamente com membros do Centro Paulo Freire.

Divido as atividades que participei em quatro categorias:

1. organizadas e propostas a partir de docentes de instituições formais de ensino: oficina com os professores do EJA (Ensino de Jovens e Adultos) do CEFET-PE (Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco), participação na organização do seminário “Encontros e Desencontros da Extensão na UFPE: o Centro de Educação debate” e palestra sobre a UPMS, com base na primeira versão deste trabalho, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da UFPE;
2. organizadas por estudantes da UFPE: oficina com os estudantes de direito da UFPE que são parte do Najup (Núcleo de Assessoria Jurídica Popular) e conversa com os estudantes que estão se organizando para irem ao Fórum Social Mundial 2009, com base no trabalho que desenvolvi no seminário “Movimentos Sociais Transnacionais, Risco e Espaço Público”;
3. desenvolvidas com os Movimentos Sociais: oficina sobre “educação e trabalho” com os jovens dos cursos de Emaús;
4. momentos de participação e observação de dinâmicas dos movimentos sociais: plenária da Escola, encontros semanais da Rede de Resistência Solidária de Pernambuco e atividades de campanha eleitoral do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

Aqui não farei um relato exaustivo de todas essas atividades, mas sim retomarei a proposta apresentada na primeira versão deste trabalho, fazendo as devidas observações e alterações que só foram possíveis depois dessas vivências.

Os espaços públicos são espaços privilegiados de realização das atividades da UPMS. Por serem públicos não podem servir ao governo A ou B, mas sim servir a população que através dos impostos financia esses espaços. A UFPE e CEFET-PE, por exemplo, têm estruturas excelentes que podem ser utilizada para atividades da UPMS. Em muitos momentos, finais de semana, por exemplo, os espaços dessas instituições estão ociosos e podem e devem ser ocupados. Além disso, são espaços conhecidos e de fácil acesso para grande parte da população de Recife. Ocupar o espaço é fácil, basta ter um professor que comungue das idéias da UPMS para enviar alguns ofícios. O difícil é mobilizar os professores, técnicos e estudantes desta instituição para a relevância da proposta da UPMS.

Nesses espaços a razão indolente, já aqui discutida, está enraizada. Nos momentos das atividades desenvolvidas na UFPE e no CEFET-PE, escutei frases como: “a proposta da UPMS é muito utópica”, “ninguém na Universidade está interessado em fazer extensão, em dialogar com os Movimentos Sociais”, “a assessoria jurídica popular é uma ilha no mar de egoísmos e conservadorismos da Faculdade de Direito”, “a Universidade não favorece outras atividades que não seja o ensino e a pesquisa convencionais, estar aqui discutindo sobre o FSM, por exemplo, não vale nada”, “esse papo de libertação, emancipação, contra-hegemonia é muito bonito, mas as ex-colônias africanas só se libertaram por causa dos europeus, aliás a liberdade é um conceito europeu”. A primeira frase foi dita em um tom perjorativo e junto com a última são exemplos contundentes de intelectuais que não estão dispostos a fazer uma Sociologia das Ausências e nem das Emergenciais. As outras frases são ilustrativas do sentimento de revolta de muitos “intelectuais irados” com o atual papel da Universidade e que estão dispostos a ocupá-la e transforma-la, no sentido discutido anteriormente. São esses intelectuais que interessam para efetivação de uma sede da UPMS em Recife.

Pensei então em uma atividade pedagógica que chamei de ciclo de palestras “Para além do saber acadêmico”. O público-alvo seriam os estudantes, os técnico-administrativos e os professores da UFPE. Seriam convidadas pessoas dos movimentos sociais (de preferência àquelas que não passaram por uma Universidade) para falar sobre um tema específico. Assim, poderia-se, por exemplo, chamar um mestre de capoeira angola, para falar a respeito das relações raciais no Brasil, ou chamar uma curandeira para falar de seus saberes medicinais. Esse ciclo de palestras poderia ser realizado também em outros espaços de educação formal que tiverem o interesse. A

partir dessas atividades e conversas um “lado” dos protagonistas da UPMS (os cientistas) estaria sensibilizado e poderia contribuir com a UPMS.

Esta proposta, assim como as que se seguem, só pode ser concretizada se tiver vontade e empenho de pessoas que estão em Recife. É impossível, eu sozinha e estando em Coimbra, fomentar processos tão complexos como essas propostas. Nesse sentido que os vínculos que reafirmei nesse tempo em Recife são tão importantes. São as pessoas que conversei e que fiz contatos, que poderão efetivar essas propostas. Poderei contribuir significativamente no período de seis meses que voltarei a Recife para fazer a pesquisa de campo, mas isso dependerá principalmente dos desejos e disponibilidades dos atores locais, bem como, da reescrita do meu projeto de pesquisa de doutoramento.

Para sensibilizar e mobilizar os movimentos sociais, além deles serem convidados a participarem nas palestras “Para além do saber acadêmico”, penso em realizar entrevistas em profundidade com representantes dos mais variados movimentos sociais, mas isso só depois de ter defendido o projeto de doutoramento. Não foi propício realizar essas entrevistas nesse curto espaço de tempo que passei em Recife. Tive pouco tempo para fazer muita coisa. Avaliei que seria mais interessante investir na observação desses sujeitos, no sentido de atualização da minha visão a respeito do que é ou não possível ser feito na realidade do Recife. Estava preocupada também em fortalecer e criar relações de confiança com esses sujeitos, para poder manter contato e trocar informações (via Internet) no decorrer da minha estadia em Coimbra.

Em Recife há uma efervescência de diferentes movimentos sociais em diversos âmbitos, tive contato com uma parcela muito reduzida, mas significativa, dessa pluralidade de movimentos. Passo a descrever os sujeitos com que desenvolvi atividades nesse período em Recife. Faço a descrição dos sujeitos explicitando em que as experiências desses movimentos podem contribuir com a UPMS.

A oficina que fiz no CEFET-PE foi com os professores do Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). Desenvolvido em uma instituição federal, o PROEJA não é um movimento social, mas demonstra uma clara preocupação com a formação e qualificação profissional das pessoas que não tiveram oportunidade de estudar, que na sua maioria é a população oprimida. Alguns dos professores do PROEJA demonstraram um preconceito em relação aos seus alunos por serem “alunos sem base” e “com maior dificuldade de assimilação”. Outros professores, no entanto, se mostraram bastante satisfeitos com seus alunos por serem “mais interessados” e “mais experientes”.

A experiência de oficina com os professores do PROEJA no CEFET-PE, reforça a lista de “intelectuais irados” que poderão futuramente contribuir com a UPMS. Os

“intelectuais irados” que conheci desta instituição são os docentes que me convidaram e organizaram a minha oficina e também os professores do PROEJA que acreditam na possibilidade de troca de experiências e informações com seus alunos. As idéias da educação popular contribuem fundamentalmente com essa proposta e a sistematização da metodologia de ensino e das experiências vividas no PROEJA podem contribuir fundamentalmente com a UPMS.

Já o Núcleo de Assessoria Jurídica Popular (Najup), faz parte de uma política extensionista da UFPE, mas, como diz os seus componentes, pretende ser mais que isso ao ser um “sujeito político”. Na UFPE, no momento de escrita deste trabalho, o Najup realiza dois projetos de extensão que estão catalogados na Pró-Reitoria de Extensão. Por conta destes projetos, recebem duas bolsas que seriam de assistência estudantil, mas que os bolsistas, em conjunto com o coletivo, decidiram usar esse recurso para subsidiar as atividades do grupo, que não se restringem às atividades catalogadas.

A respeito do que é assessoria jurídica popular, um documento do Najup – Direitos nas Ruas (que é nome do Najup em Pernambuco) diz:

As assessorias jurídicas populares surgem como proposta de extensão universitária em direito a partir da superação da idéia de uma extensão pautada na assistência jurídica, a qual se baseia na supremacia do conhecimento universitário, tido como capaz de solucionar problemas e conflitos vividos pelas populações mais pobres do país.

De acordo, com o mesmo documento o grupo se dedica a três diferentes espaços de articulação política dos movimentos sociais em Pernambuco, quais sejam: o Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH), o Coletivo de Juventudes da Via Campesina e a Rede Popular de Estudantes de Direito-Seção Pernambuco (REPED-PE). Na reunião de planejamento e na oficina percebi que os estudantes do Najup são bastante informados e engajados politicamente. Tive também a oportunidade de observar as relações que o Najup mantém com a Rede de Resistência Solidária.

A Rede de Resistência Solidária é uma ampla rede que congrega diversos grupos juvenis, muitos deles ligado ao movimento hip hop, das periferias do Recife. O movimento foi criado em 2005, por um grupo de grafiteiros que saía com suas turmas (crews) para colorir os bairros, em ações quase sempre marginalizadas, tanto pela sociedade quanto pela polícia. Atualmente, envolve dezenas de entidades, organizações, grupos musicais, teatrais, ambientais, de pelo menos 63 comunidades do Grande Recife. Assim é um espaço privilegiado de articulação entre diferentes movimentos que poderão compor a UPMS – sede Recife.

A Rede tornou-se conhecida através dos seus mutirões mensais. Cada mês, uma comunidade, que tenha pelo menos um grupo que faça parte da Rede, recebe os coletivos da rede para um domingo intenso de atividades: roda de break, shows, rádio

aberta, projeção de vídeos e captação de imagens. Filmagens e fotografias sempre são feitas. Depois são exibidas em telões, para mostrar a comunidade em ação. E mais: grafiteagem nos muros autorizados, microfone aberto para quem quiser passar recados, mensagens e informativos.

A Rede não se resume aos mutirões. Desde 2005, já organizou diversos eventos culturais, fez parte de uma experiência de fundo rotativo de fomento à economia solidária, fez vídeos, jornais de parede, etc. Hoje em dia, a Rede se reúne toda a terça-feira para informes, planejamentos e avaliações de suas ações. Uma terça-feira por mês é dedicada a um momento formativo. Participei de uma formação sobre eleição no mês de setembro, visto que toda cidade do Recife está às voltas com as eleições municipais (para prefeito e vereador) que acontecerão no começo de outubro do corrente ano.

Por conta dessa efervescência política do momento que estive em Recife, tive uma aproximação com um partido político. É importante relatar essa experiência, para futuras reflexões a respeito de partidos fazerem ou não parte da UPMS. Outra coisa interessante para refletir a respeito é que na discussão feita depois da minha apresentação sobre a UPMS no PPGS da UFPE, uma das críticas feitas a proposta é a de que a UPMS seria mais um “espaço temático de discussões políticas e sociais, no sentido de fomentar ações, onde físicos e matemáticos, por exemplo, não teriam espaço, assim sendo é melhor pensar em um partido do que em uma Universidade”. A idéia da UPMS como um partido merece reflexões posteriores.

Antes de ir para Coimbra já tinha aproximações com o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) por acreditar em sua proposta política, no entanto, nunca fui filiada e nem pretendo ser. Penso que o PSOL é o único partido coerente de esquerda atualmente no Brasil. É um partido muito novo e que surge principalmente do racha que aconteceu no Partido dos Trabalhadores depois da Reforma da Previdência do Governo Lula em 2003. No momento de campanha é notável a fragilidade financeira desse partido em relação aos outros. Participei de alguns debates (um sobre redução de danos de usuários de drogas e outro sobre a questão racial), fui ao lançamento do programa de governo do candidato a prefeito e colaborei em questões pontuais (como exemplo: levei material do guia eleitoral para as redes de TV, ajudei em panfletagens, fui buscar o material impresso na copiadora). Além disso, participei de muitas conversas com os militantes do partido.

Pelo que observei e ouvi, percebo que existe muito conflito interno, como qualquer outra organização social. A questão eleitoral não é a razão de ser do partido, mas ainda mobiliza bastante e acaba por “atrair” algumas pessoas que não comungam necessariamente com os ideais do partido, mas estão interessadas apenas em adquirir prestígio e se eleger. A direção do partido, quando identifica esses oportunistas, toma atitudes como o afastamento da pessoa ou até a expulsão do partido.

A UPMS tem um ideal claro de ação política, no entanto, não pode se transformar em um partido ou tornar-se instrumento de um partido. Fazer isso seria limitar os potenciais de aglutinação da UPMS, no entanto, nos partidos políticos, identifiquei militantes que poderiam contribuir bastante teoricamente e principalmente com sugestões e demandas de pesquisa-ação.

Análoga à UPMS é a experiência da Escola e não de um partido. A Escola está passando por um momento difícil de transição. IPSIA, a ONG Italiana, está indo embora de Recife e a administração da Escola ficará, a partir de 2009, por conta da Associação Trapeiros de Emaús, da qual falarei a seguir. Fui a uma plenária da Escola, na qual deveriam estar presente todos os parceiros para fazer uma avaliação dos processos desencadeados pela Escola e principalmente pensar no futuro da Escola. A partir das falas, parece que tudo o que aconteceu (cursos de educadores, empreendimentos de economia solidária, articulações e ações nas comunidades) são infinitamente menores e insignificantes diante dos erros cometidos, das angústias e dos problemas que afligem a todos (quais recursos irão sustentar a Escola, como será a administração, o que fazer com a evasão dos educandos, com o descompromisso das instituições parceiras, com a falta de sistematização escrita do que aconteceu desde 2005, etc).

Uma idéia que há muito é debatida e que foi retomada nessa plenária, é que o grande problema da Escola foi a idéia de Escola e os meios de concretização dessa idéia terem surgido não da cabeça e do bolso dos movimentos sociais de Recife. Por conta disso que tenho uma forte preocupação em a UPMS ser algo discutido e fomentado pelos movimentos sociais e não algo proposta “de cima” por intelectuais. Todos os parceiros envolvidos na concretização da idéia de UPMS precisam se sentir parte. O principal parceiro da Escola (que era Emaús) não se sentia parte, mas sim o “primo pobre”. O exemplo onde isso fica claro é o ressentimento que os trapeiros têm porque até a alimentação era diferenciada (os educandos da Escola comiam melhor que os trapeiros). Uma atitude que parece pequena é na verdade um afronta a todo ideal defendido pela Escola, além de uma contradição inadmissível. Além desse erro, existiram vários outros tão graves ou até piores que esse.

Enfim, essa experiência é tão rica e tão análoga à proposta da UPMS, afinal foi a partir da Escola que decidi estudar e ajudar na fomentação da UPMS, que mereceria um estudo aprofundado a parte. É possível aprender muito com os erros e acertos desses quatro anos de Escola. Além de aprender com o que foi vivido a UPMS pode se beneficiar da Escola, ou quem sabe contribuir com a Escola ao fazer parte do futuro dela. Depois dos quatro anos de projeto a Escola tem hoje um espaço físico excelente com salas e materiais didáticos, além de materiais para montar oficinas e empreendimentos solidários. Além dessa estrutura física, existem pessoas que passaram por um processo

interessantíssimo de formação (o Curso de Formação de Educadores-as Sociais), contatos para financiamento de órgãos públicos e articulações com diferentes movimentos sociais. Não se pode também desperdiçar de aprender com as experiências êxitosas fruto da Escola, como o exemplo do curso de agentes de saúde, que foi proposto e organizado autonomamente por educandos-as agentes de saúde.

As possibilidades da Escola dependem do posicionamento da Associação Trapeiros de Emaús que será responsável pela administração dos bens materiais da Escola. Esta associação faz parte do Movimento Emaús Internacional. Em Recife a Associação tem como objetivo oferecer às pessoas de baixa renda a oportunidade de conseguir uma fonte de subsistência através de um trabalho coletivo de coleta, reciclagem, recuperação e valorização de objetos e materiais em desuso. A Associação também realiza cursos profissionalizantes (marcenaria, refrigeração, eletricidade, manutenção de micro, culinária e design gráfico) para os jovens. Foi com esses jovens que fiz uma oficina sobre “educação e trabalho”.

Depois da rápida descrição dos movimentos sociais com que interagi, volto a discutir a proposta de implementação da UPMS – sede Recife. Vários desses espaços já desenvolvem atividades interessantes de educação popular. Cada espaço já tem uma metodologia popular própria e sistematizada (inclusive com documentos, alguns possuem até livros publicados¹³). Por serem espaços contra-hegemônicos e com forte influência da pedagogia de Paulo Freire, muitos dos princípios e procedimentos são comuns a todos os espaços. Essas metodologias não se restringem aos momentos formativos, mas também sugerem mecanismos de pesquisa (de criação de outros saberes). Nesse sentido, penso que muito podem contribuir na proposta metodológica da UPMS sede. É assim que uma análise desses ricos materiais será de grande valia.

Seria preciso ainda reuniões ampliadas com representantes dos diferentes movimentos para expor a proposta da UPMS e ouvir as contra-propostas. Nessas reuniões é preciso apresentar a proposta deixando claro que todos envolvidos devem intervir nela. Volto a frisar que essa proposta só fará sentido e só tem legitimidade, a partir do momento em que os movimentos sociais envolvidos tenham a possibilidade de intervir. A possibilidade de intervenção deva ser tal, para que a proposta da UPMS seja vital aos seus protagonistas e que se assim não for ela não tem sentido de ser implementada. É fundamental a formação de confiança mútua para empreender ações conjuntas que envolvam incertezas e dispêndio de recursos humanos, como a proposta da UPMS. Com o que observei e ouvi, a UPMS não é uma “invenção” dos intelectuais,

¹³ Como exemplos: o livro sistematizado pela Escola, Oliveira (2006) e o livro publicado pela Escola de Formação Quilombo dos Palmares (2004).

mas é uma demanda que se percebe no cotidiano dos movimentos, tem se uma necessidade de espaços de formação e articulação.

Não me sinto a vontade para definir como acontecerão as atividades pedagógicas, de pesquisa-ação e de difusão da UPMS Recife, assim só apontarei algumas sugestões. Quem poderá fazer isso serão os protagonistas da proposta. Seguindo as propostas de Santos (2006), as atividades pedagógicas poderiam se estruturar em dois momentos: um temático e um inter-temático.

Cada encontro desses seria feito em um sábado à tarde (na Universidade, no espaço da Escola ou na sede dos movimentos). O sábado é escolhido por ser o dia em que as Universidades estão com os seus espaços ociosos e principalmente por ser o tempo em que os ativistas podem participar. Pelas fortes demandas dos movimentos, infelizmente são os momentos de descanso que são os privilegiados para ações formativas e de articulação.

É uma exigência sobre-humana para o dia-a-dia dos participantes e mesmo dirigentes. A solução tem sido o uso de dias feriados, finais de semana, férias. Tempos subtraídos ao descanso, outras exigências e atividades. Mas, para os dirigentes, têm que ser utilizadas essas ocasiões porque lhes parecem “fundamentais as atividades de estudo para a consolidação da luta”.

(Souza, 2007: 50)

Cada um desses encontros deverá ter um coordenador e relator escolhidos no primeiro momento da discussão. Depois das conversas temáticas poderia se pensar em um encontro (um dia inteiro ou mais que isso, dependendo da demanda) para a socialização dos relatórios. Essa socialização pode ser feita de maneira artística ou lúdica (através de uma peça teatral ou de um mural construído). Esse grande encontro serviria também para uma avaliação das seções temáticas e o encaminhamento de outros encontros e outras atividades. A partir daí pode surgir grupos inter-temáticos que possam encaminhar atividades de pesquisa-ação, por exemplo. Nesse grande encontro é possível ainda a elaboração de atuações e manifestações públicas.

O momento de difusão dessas atividades realizadas na sede Recife para a rede UPMS, poderá ser feita através de relatos, listas de discussão na Internet, blogs, entre outros. É importante dizer que os movimentos e as pessoas que fariam parte da UPMS Recife possuem contatos e parcerias com outros grupos na região nordeste, no Brasil e até no mundo. A profusão que existe de articulações, parcerias, redes e fóruns, “faz cair por terra a dicotomia entre local e global, aquela pressuposição de que o movimento por ser local encontra dificuldades para ‘sair do próprio umbigo’” (Costa, 2004: 39). Assim se os protagonistas se identificarem com a proposta e dela sair alguns resultados de reinvenção da emancipação, facilmente, através das redes de contatos, a UPMS se dissemina globalmente.

É preciso reafirmar que a proposta é ainda bastante limitada. Para ela ser melhor estruturada seria necessário mais tempo em Recife e então eu poderia fazer entrevistas em profundidade com os interessados na proposta, recolher mais material pedagógico que os movimentos sociais já possuem, propor e ajudar a organizar algumas sessões de experiência. Poderei fazer isso, nos já programados seis meses de trabalho de campo em Recife. Também preciso ter acesso ao material de outras experiências da UPMS, para ter mais elementos e me concatenar com o que vem acontecendo a nível mundial com a UPMS rede. A UPMS Recife só se concretiza se tiver pessoas para encabeçar a proposta. Os vínculos que reafirmei com os sujeitos sociais em Recife permitirão a constante difusão e discussão de reflexões que farei em Coimbra sobre a proposta, e, facilitará os mecanismos de consolidação da UPMS Recife.

Considerações Finais

Para concluir, é preciso evidenciar e reafirmar os limites do trabalho e sugerir estudos futuros para suprir esses limites. O primeiro problema teórico é não fazer uma discussão suficiente a respeito do porquê a UPMS se chamar Universidade. Seja em Coimbra ou em Recife, quando se fala em Universidade o que se pensa é a Universidade ocidental. Preciso, em outro momento, me aprofundar na história da Universidade ocidental e nas suas atuais concepções. Seria interessante ainda, fazer um estudo sobre as outras concepções de Universidades, citadas neste trabalho.

Nesse sentido, um outro limite do trabalho é não esclarecer, de maneira mais contundente, se a UPMS é um espaço temático de discussões políticas contra-hegemônicas ou um espaço de construção e difusão de conhecimentos vários. Neste âmbito entra a discussão a respeito da pertinência ou não de temas das Ciências Exatas e da Saúde para a consolidação da UPMS. Também a confusão a respeito da UPMS se assemelhar ou não a uma estrutura partidária, se desfazerá se esse limite for superado.

A UPMS é um espaço de formação e articulação dos movimentos sociais, o que implica abranger discussões não só da área das Ciências Sociais. A UPMS tem um claro posicionamento político (de contra-hegemonia), já as Universidades ocidentais mesmo atuando politicamente assumem um caráter perigoso de pretensa neutralidade. Por a articulação ser fundamental para essa proposta, em determinados momentos, a UPMS será espaço onde representantes dos movimentos irão propor e executar ações conjuntas. A UPMS não pretende ser a representante oficial dos conhecimentos acumulados por e interessantes para os movimentos, a UPMS é espaço de produção e difusão desses conhecimentos.

Aqui retomo a especificidade da UPMS com relação a outras experiências de formação dos movimentos sociais. A UPMS pretende globalizar as experiências de práxis

contra-hegemônicas. Assim a UPMS procura ser uma resistência epistemológica que fundamenta uma resistência política. É por isso que é importante refletir a respeito de quais tarefas globais a UPMS precisa assumir. Neste trabalho me limitei a pensar em uma proposta de sede local da UPMS, é necessário pensar em como funcionará a UPMS – rede.

Falta teorizar como a UPMS poderá abarcar e respeitar a pluralidade dos movimentos sociais em favor da reinvenção da emancipação e não da fragmentação da contra-hegemonia. Isso não significa que quem defende a UPMS almeje que todas as suas atividades resultem em acordos e alianças. As atividades da UPMS devem evidenciar os conflitos e saber conviver com eles, e nesse trabalho falei pouco a respeito disso.

A UPMS – rede e as UPMS – sedes não são apenas espaços de formação de tradutores que sejam capazes de dar conta da pluralidade dos movimentos sociais e realizarem as devidas articulações. No entanto, a metodologia de tradução, como foi dito no trabalho, é fundamental para UPMS. É assim que são necessários estudos aprofundados sobre esse tema, principalmente, no sentido de dar conta de entender e melhor lidar com os diferentes níveis de poder dos vários sujeitos envolvidos. Além de mais estudos sobre a metodologia de tradução, é preciso apropriar-se das metodologias de formação e articulação que os diferentes movimentos sociais já realizam.

Este trabalho, também não discute exaustivamente as teorias sobre o conceito de movimentos sociais. Para que a proposta da UPMS se concretize, é imprescindível também um estudo de campo dos movimentos sociais que participarão da idéia, no sentido de melhor compreendê-los e entender os contextos em que estão inseridos. Especificamente para a UPMS Recife seria interessante conhecer e se aproximar de outros movimentos, que não só os aqui citados.

Por fim é preciso retomar que, assim como esse trabalho que é híbrido ao fazer um estudo teórico e trazer uma proposta de ação, a minha pesquisa de doutorado pretende também ser uma pesquisa-ação. Nesse sentido, é imperativo discutir bem o método de pesquisa-ação e estar atenta para os seus limites.

Como fica claro, este trabalho precisa ser complementado com uma gama de outras reflexões. No entanto, a reflexão aqui feita traz interessantes contribuições teóricas e práticas para a implementação da proposta da UPMS.

Referência Bibliográfica

- **Águas**, Carla Ladeira Pimentel (2008), *Revoltas escravas como movimento social* – Trabalho de conclusão do seminário: Conhecimentos, Sustentabilidade e Justiça

Cognitiva no âmbito do Programa de Doutoramento em Pós-Colonialismos e Cidadania Global da Universidade de Coimbra – CES/FEUC.

- **Andrade**, Flávio Lyra de (2004), “Pesquisa Participante como um Processo Pedagógico da Educação Popular”, in Escola de Formação Quilombo dos Palmares, *Movimentos sociais e educação popular no nordeste*. Recife: EQUIP, 9-25.
- **Bhabha**, Homi K. (1994), *The Location of Culture*. London and New York: Routledge.
- **Chauí**, Marilena (2003), “A universidade pública sob nova perspectiva”, *Revista Brasileira de Educação*.
- **Costa**, Mônica Rodrigues (2004), “A Ação Política dos Movimentos Sociais”, in Escola de Formação Quilombo dos Palmares, *Movimentos sociais e educação popular no nordeste*. Recife: EQUIP, 26-40.
- **Dussel**, Enrique (2007), *20 teses de política*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales; São Paulo: Expressão popular.
- **Escobar**, Arturo (1995), *Encountering Development: the making and unmaking of the Third World*. New Jersey: Princeton University.
- **Escobar**, Arturo (2003), “Actores, Redes e Novos Produtores de Conhecimento: os Movimentos Sociais e a Transição Paradigmática nas Ciências”, in Santos, B. S. (org.). *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente: ‘Um Discurso Sobre as Ciências’ Revisitado*. Porto: Afrontamento, 605-630.
- Escola de Formação Quilombo dos Palmares (2004), *Movimentos sociais e educação popular no nordeste*. Recife: EQUIP.
- **Ferguson**, James (2004), “Power Topographies” em D. Nugent e J. Vincent, *Companion to the Anthropology of Politics*, Malden, Blackwell, 383-398.
- **Freire**, Paulo (2002), *Pedagogia do Oprimido*. 32ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- **Mance**, Euclides André (1991), “Eixos de Luta e a Central de Movimentos Populares”, *Revista de Cultura Vozes*. N. 6, Ano 85 - volume 85 - novembro/dezembro de 1991, p. 645-671.
- **McDonald**, Kevin (2006), *Global Movements. Action and Culture*. Malden, MA: Blackwell, caps. 1, 5, 10 (pp. 3-40;84-107; 211-226).
- **Mouriaux**, René; **Beroud**, Sophie (2005), “Para uma definição do conceito de ‘movimento social’”, in Roberto Leher e Mariana Setúbal (orgs.), *Pensamento crítico e movimentos sociais*. São Paulo: Cortez, 159-173.
- **Mudimbe**, Valentin Y. (1988), *The invention of Africa : gnosis, philosophy, and the order of knowledge*, Bloomington : Indiana University Press; London: James Currey, 1-23.
- **Oliveira**, Eduardo (org.). (2006), *Ética e movimentos sociais populares: práxis, subjetividade e libertação*. Curitiba: Gráfica Popular.
- **Panizzi**, Wrana Maria (1999). “A Sustentação Social da Universidade”. *Universidade e Sociedade* n 18, pp 38-40
- **Said**, Edward W. (2004;1978), *Orientalismo*, Lisboa: Livros Cotovia.
- **Santos**, Boaventura de Sousa (2000), *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*, Porto: Afrontamento.

- **Santos**, Boaventura de Sousa (2001), “Os processos da globalização” in Boaventura de Sousa Santos (org.) *Globalização – Fatalidade e Utopia*. Porto: Afrontamento, 31-106.
- **Santos**, Boaventura de Sousa (2003), “A Universidade Popular dos Movimentos Sociais: para formar ativistas e dirigentes dos movimentos sociais e ONGs e cientistas sociais, intelectuais e artistas dedicados à transformação social. Uma proposta para discussão”.
- **Santos**, Boaventura de Sousa (2004), “A Universidade no Século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade”.
- **Santos**, Boaventura de Sousa (2005), *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 10ª ed., São Paulo: Cortez, 187-233; 256-280.
- **Santos**, Boaventura de Sousa (2006), *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez.
- **Santos**, Boaventura de Sousa (2007). “Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78.
- **Santos**, Boaventura de Sousa, **Meneses**, Maria Paula G. & **Nunes**, João Arriscado (2004) “Introdução: para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo” in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Porto: Afrontamento, 19-101.
- **Santos**, Joel Rufino (2004) - Conferência em dvd “O Encontro com o outro” do programa de televisão Café Filosófico.
- **Silva**, Carmem Silvia Maria da (2004), “Os movimentos continuam vivos”, in Escola de Formação Quilombo dos Palmares, *Movimentos sociais e educação popular no nordeste*. Recife: EQUIP, 41-55.
- **Souza**, João Francisco de (2004), “Os Movimentos Sociais do Nordeste”, in Escola de Formação Quilombo dos Palmares, *Movimentos sociais e educação popular no nordeste*. Recife: EQUIP, 5-8.
- **Souza**, João Francisco de (2007), “Educação popular e movimentos sociais no Brasil”, in Rui Canário (org.), *Educação Popular e Movimentos Sociais*. Simpósio Luso-Brasileiro.
- **Spivak**, Gayatri Chakravorty (1993), “Can the subaltern speak?”, in P. Williams; Chrisman (orgs.) *Colonial Discourse and Post-colonial theory: a reader*. London: Longman. Pearson Education.
- **Touraine**, Alain (1998), “Os movimentos sociais”, in Alain Touraine, *Iguais e diferentes : poderemos viver juntos ?* Lisboa: Instituto Piaget, 127-172.